

CRÍTICA TEATRO | O DEUS DA CARNIFICINA

POR **CLÁUDIO HANDREY** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Até quando o ser humano, aristotelicamente animal racional, é capaz de cultivar máscaras? De escamotear suas considerações reais? A refinada dramaturgia da francesa Yasmina Reza expõe com exuberância os questionamentos em “O Deus da Carnificina”, premiada e adaptada em 30 países, com versão cinematográfica, dirigida por Roman Polanski.

Dois casais discutem como solucionar uma desavença física entre seus filhos. Divagam sobre o acontecido, aparentemente polidos, mas como numa terapia grupal deixam escapar suas verdades secretas e partem para um imbróglio acirrado. Em absoluta catarse coletiva, desviando do fato que os levaram até ali, elucubram sobre seus casamentos e profissões.

O embate toma força e ao mesmo tempo são interrompidos por telefonemas descabidos de uma das personagens, que insiste em atender o celular durante a confusão, revelando o quanto é mal educado, forçando à todos esperarem por ele enquanto articula soluções aleatórias como advogado. Costurado à tensão, um humor ácido é muito bem estruturado pela autora, que elabora quatro ótimas figuras em diálogos inspirados.

A encenação é o destaque da montagem, sobre a qual prioriza a hipocrisia da classe média-alta, impulsionando a ação dramática tão bem engendrada pela escritora. Numa viagem disruptiva, Rodrigo



A encenação é o destaque da montagem, sobre a qual prioriza a hipocrisia da classe média-alta

Colapso da hipocrisia

Portella assina também a surpreendente cenografia nada realista – já que no original estão todos num apartamento. Ambienta seu espetáculo num parque, que aliás é onde

ocorre o confronto entre as crianças, colocando seus intérpretes sorvendo picolé, salientando a infantilidade daqueles papéis, ativando a imaginação do espectador. Mantém

a caixa cênica aberta, aludindo o teatro disseminado naqueles seres. Institui pausas corrosivas, pelas quais o barulho do silêncio atormenta. Uniformiza seu elenco, orientando-os

na compreensão de tergiversações e destempero das personas.

O elenco, talentoso, ilumina-se simultaneamente. Karina Teles domina sua personagem, absorta em aprimorada técnica. Há uma melancolia jocosa na atriz que transporta-nos ao talento da saudosa Yara Amaral. O Michel de Thelmo Fernandes é irônico, com oportunas pigmentações de humor que valorizam o espetáculo. Angelo Paes Leme elabora uma sobriedade adequada ao personagem e Anna Sophia Folch, idealizadora do projeto, é uma grata surpresa, trafegando com sagacidade. Todos num jogo harmonioso, executando com perspicácia o clima de tensão em perfeita sintonia dramática.

Karen Brusttolin enroupa os intérpretes em outra época, simbolizando elegância e fraude no caráter daquelas personagens, que vão desmantelando suas vestes a medida que a falsidade dá lugar à veracidade. Toda sujeira é clarificada pela luz de Ana Luiza Molinari de Simoni, que utiliza efeitos lumináres laterais aquecendo os ânimos alterados.

“O Deus na Carnificina” descortina o quanto o ser humano continua distante de viver civilizadamente.

SERVIÇO

O DEUS DA CARNIFICINA

Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804, Glória)
Até 7/6, de quinta a sábado (20h) e domingos (17h)
R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Joana Calejo Pires/Divulgação



A última flor do Lácio

Numa de suas melhores atuações no palco, Gregorio Duvivier retorna ao Rio com a comédia poética “O Céu da Língua” no Teatro Casa Grande, em temporada até 17 de maio. O espetáculo, que levou 250 mil espectadores aos teatros, estreou em Lisboa celebrando os 500 anos de Luís de Camões e roubou a cena lá pela Terrinha. Com um texto sedutor e envolvente, Duvivier mostra que poesia pode ser prazerosa e divertida nesta ótima homenagem à nossa língua-mãe. A direção de Luciana Paes, que divide o texto com ator.

Leekyung Kim/Divulgação



Um desafio inusitado

O espetáculo “Novas Diretrizes em Tempos de Paz”, de Bosco Brasil, está em cartaz no Teatro Poeira, em Botafogo, após temporada de sucesso em São Paulo. A trama acompanha um imigrante polonês que desembarca no Rio em 1945 e é interrogado por um oficial da alfândega. Os dois personagens vividos por Fernando Billi e Eric Lenate confrontam suas memórias enquanto enfrentam um inusitado desafio, revelando histórias de um ator que perdeu tudo e um ex-torturador que sempre cumpriu ordens. Temporada até 28 de junho.

Divulgação



Mitologia satirizada

Em cartaz até o dia 28 no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, a comédia “Bosque das Delícias”, de Flavio Freitas, apresenta uma releitura satírica da mitologia grega, com paródias de canções da Jovem Guarda e interação com o público. A trama acompanha Hedonê em busca de uma fonte da juventude para salvar sua mãe, a princesa Psiquê, que envelhece após Zeus não cumprir a promessa de torná-la imortal. A montagem incorpora elementos de metalinguagem através das intervenções cômicas do contrarregra durante a apresentação.